

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TOLEMA

PROPRIEDADE DE
J. J. DE SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compozição e Impressão

Rua Verdade, 43-4158018



UM ARRABALDE DO RIO DE JANEIRO

Assinatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colonias e Hespanha:	Por anno	4800 réis
	• semestre	2500 •
	• trimestre	1800 •
Assinatura conjuncta do «Seculo»-«Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa» Portugal, colonias e Hespanha	Por anno	8000 réis
	• semestre	4800 •
	• trimestre	2800 •
	• mez sem Lisboa	700 •

CASTANHEIRO D.^o S.^o L.^o

ARMADORES ESTOFADORES

PRACA LUIZ DE CAÑONS 38 - LISBOA

TELEPH. 1346
ENDERECO TELEGRAPHICO (ASTALI)

AGENCIA DE VIAGENS

R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

Viagens baratissimas À TERRA SANTA

NOUVEAU PARFUM

PRINCEIA VIOLETTE



BAUME BENGUÉ

Cura totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



CÔRES PALLIDAS



ANEMIA

CURA RADICAL
+ INFALLIBLE em **20 DIAS**

pelo **ELIXIR de S. VICENTE de PAULA**

EM TODAS AS PHARMACIAS

ou no Deposito Geral: CURIEL & JELIGANT,
Rua d'os Saaoteiros, 15, 1.^o div.^o - LISBOA

1300 reis o frasco (ranco porte em todo Portugal.

PÉLOILLE, Pharmacien, 2, Faub^o St-Denis, PARIS.

CONVALESCENÇA

CHLOROSE

NEURASTHENIA

Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do D^o Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



COMPANHIA DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianasa e Sobretinho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria a Velha), installadas para uma producao annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria.

**** ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS: ****
LISBOA—210, RUA DA PRINCEZA, 276
PORTO—49, R. DE PASSOS MANUEL, 51

Endereços telegr.: LISBOA, COMPANHIA PRADO, PRADO—P-ORTO—LISBOA. Numero telefonico: 308.

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM O DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPÉ FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 500 REIS
Frascos de perca em todas as Pharmacias de Portugal.

DEPOSITO GERAL: 19, RUE DO ARCO e Jesus, LISBOA

A SEDA SUISSA

É A MELHOR!
Peçam as amostras das nossas sedas novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:
Ottoman, Liberty, Océle, Crisp de Chine, Louisine, Taffetas, Mousseline, 130 cm. de largura a partir de fr. 1.25 o metro, em negro, branco e cor assim como as *blusas* e os *vestidos* bordados em batiste, lá, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas *directamente* aos particulares e francas de porte a domicilio.

SCHWEIZER & C^o

Lucerna E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas
Fornecedor CORTE REAL

ARTISTAS PORTUGUEZES EM PARIS



1—*Les hommes de terre*, Sousa Pinto. O unico quadro portuguez nos muscus de Paris

2—*As ondinas*, Sousa Lopes. Escola de Bellas Artes.

Na grande arte encontra-se quanto á época um sópro revolucionario que lhe deu actualidade e uma alma eterna que fala á nossa alma.

Estas duas qualidades são bem nitidas e vastas, d'uma vastidão de pontos cardéaes.

para que os artistas não deixem de se nortear por ellas, sem quebra do seu instincto ou do seu sentimento.

Todas as renovações de belleza hão de fazer-se dentro d'esta dualidade. Ha mesmo uma arte que se chama de combate



social, seria que passa a prégar o Progresso. E' na escultura Constantin Meunier assoalhando o inferno das minas, Rodin cuspiendo a dôr dos céus, Derré enternecido das Filles-mères, dos manelheu-pis, Bloche batendo os dentes na fome, no frio, Bloche o auctor da agonia lancinante do Chevalier de la Barre.

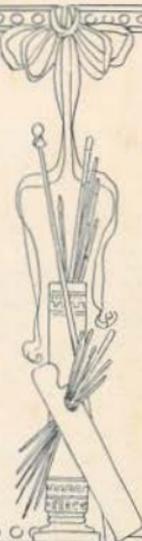
Na pintura é Carrière, o sonhador misanthropo do povo, das mulheres que arrancaram a brita para as barricadas, Steilen o poeta amovavel das creanças, dos gatos, das multidões que teem fome e sede de justiça, é Villette, é Cheret, são outros. O lapis de Hermann Paul, de Forain, de Leal da Camara, de Grandjouin, a musica de Charpentier, o theatro de Ibsen, de Sudermann, de Antoine, veem em auxilio da revolta. Na litteratura então que gigantes desde Zola, que armava os seus personagens de ma-

ris é sempre humana, ideal e benefica.

Ser eterno é ter dentro de si um pensamento forte, que vindo, por assim dizer, do começo das eras, assombrasse o troglodita e se perca no infinito, dando o derradeiro beijo no derradeiro homem moribundo.

As *Auroras*, donzellas no sendal da primeira communhão, as *Tempestades* uivos e pontapés femininos, as preces infantis de joelhos e mãos postas, os autos em que Montano toca gaita e Lisisca ladra, que representa isto á nossa alma?

Depois a arte tem que deixar de se cingir ás necessidades d'um povo para abarcar as do universo. O espirito de selecção internacional que hoje em dia preside a todas as manifestações humanas acabou com regionalismos e escolas. Paris ficou sendo a Athenas moderna pontificando em esthe-



A sirenata (Venezia)—Souza Lopes
(Pertence ao sr. A. d'Oliveira)

chado, até Anatole France, que chama os eremitas, as Thais, os pingonins e com um estilete envenenado lhes faz envenenar este drolatico mundo!?

Revolução assim é escopeta, ou subtil como a realisaram os gregos, os flamengos, os florentinos, como a arte a faz hoje em Pa-

tica para o mundo.

As artes são um pouco como as assu- cenas, que banquetando-se na podridão não invejam a candidez e as graças das que medram no alqueive. Em Paris não havia santidades velhas, nem peias do instinto quando as nações a borrecidas

entre os seus carvalhos druidicos com as suas damas virtuosas desembarcaram dos velozes expressos, com a licença, a força centuplicada do progresso, as mulheres capazes de transviarem na via eterna a honra de Deus; o meio não podia ser melhor para esta casta de gente, os artistas que tem neuro-

que de Bologonha e do Bosque de Vincennes. Foi isto mesmo que se deu com a arte russa e o que agora se está dando com a arte finlandeza que busca a serenidade e um justo-meio sobre a palpação luminosa dos impressionistas.

Vindos d'uma civilização onde não anda na atmosfera



O canal de S. Gregório—(Veneza) — Sousa Lopes

ses, loucuras, appetites, que não tem o outro mundo.

A Paris se veem caldear os talentos, de cá irradiam pela terra. Do nosso tempo foram o San Diaz, De la Gandara, Zoloaga, Sorolla e Bastilla, Zó, Ziem, Steilen, Sargent, Salgado, Teixeira Lopes, Columbano, outros e outros que aqui ganharam a tempera do seculo, sob esta lamina rigida do céu, em que a febre mata, ou a febre vinga.

Poderá partir-se em cada paiz das gomas-lacas para as terra ou das terras para as gomas-lacas, dar-se a côr local, a violencia dos nervos, o individualismo maximo, que o espirito é um só, veiu de Paris inextinguivel e soberano. Embora qualquer povo seja objecto d'uma renovação artistica, essa renovação pode elaborar-se aqui dentro das duas bordas do Sena, entre as manchas verdes e saudaveis do Bos-

nem a poeira sensual das estatuas partidas, nem o sonho peregrino dos paineis, os artistas portuguezes encontram-se aqui deante de toda a belleza humana, a antiga adormecida, a moderna florindo por todos os lados. Transplantados do *dolce-far niente* portuguez para este meio onde a batalha é feroz, ou se fanam depressa ou se engrandecem como nenhuns outros. Paris tem mais ou menos o genio dos extremos, ou eleva ou anniquia.

Portugal tem aqui uma colonia relativamente numerosa d'artistas. Uns aclimataram-se ao meio, produzem para o povo francez e para a republica, como Leal da Camara, como os irmãos Sousa Pinto, não sei se Pratt, como Sousa Lopes, cujas mulheres amoravelmente elegantes hão de enamorar dentro em pouco das vitrinas do Bernheim Jeune. Outros vão na embalagem a tomar posse do *metier*, o estudante já longe, Sa-

les, Jardim, Alberto Silva, Vianna, Candido d'Almeida. Desembarcaram ainda ha pouco na gare d'Orsay Teixeira, Ruivo, Malbuisson, Nunes, Plan-tier, cujas marinhas eram já em Lisboa o en-levo das meninas da Lapa. E *dilettanti* não faltam, como Redigo Soares que hoje pinta por amor apenas, como Leitão que compõe nús sobre a sua tatua-da pelle de trigre de atelier e que no Lu-xembourg, no Parc Monceau faz aguarella entre dois olhares a madame Durand, em-quanto ao lado velhos veteranos falam em fu-zillar os curas e nos obu-zes de Gravelotte.

Conhece-os Montmar-tre e o Quartier Latin pelo calor das maneiras, o falar alto e as paixões das raparigas. Elles po-diam não ser artistas menos amorosos e ama-dos d'estas parisienses cujo focinho atemorisa a incorrupta castidade das estrellas.

Que paixões não teem pôr'ahi accendido, fortes e morenos, caldeados do sol e dos saes do mar? E' preciso que produ-zam como Teniers leguas de quadros para terem mais télas que amores.

Isto vae tornando Por-tugal conhecido cá fóra a par das ôstras, do *Rebôla a bôla* que os rea-lejos mastigam nos *car-refours*, mais que os cong-ressos, a diplomacia e o verbo incansavel de Magalhães Lima.

Sendo grandes amo-rosos de tempera-mento, é buscar-lhes esta qualidade na sua obra tangencial, que ha de evidenciar a arte portugueza. Ser-ção, sobretudo, ar-tistas da mulher, das suas suzeranias e fraquezas, do peccado que fugiu nú do Paraiso e corre ainda nú e febril. E as paisagens ridentes, os mimos do solo hão de estar na paleta sempre promptos, sempre á espreita para vir á luz.

A sua retina muito generosa ha de esquecer as inclemencias da vida, vêr-se mal nos nevoeiros de dôr de Eugène Carrière. E se retratarem o sofrimento, que tem uma contra corrente de felici-dade, será d'uma maneira altiva, que assombre mas não revolte.

Sobre elles pesa a leveza das ousadias portuguezas, com o beijo ás escondidas e as escaramuças de corações de parte a parte feridos e rotos, a moral de que es-carneceram Eça e Fialho mas com riso amarello, as reivindicções, mal ditas, de chapéu na mão. Mas tendo oiro nas veias, prata no olhar, elles teem da actualidade



Rêverie, Sousa Lopes

a preocupação das harmonias, linhas de força, ondulatórios previstos d'amôr, ar livre, segurança. Plasmada com isto a obra embrionaria dos *mestres portu-guezes* é possível conseguir uma arte que ao menos pelo tempera-mento e a côr seja portugueza, dentro do espirito uno e universal a que se não pôde furtar.

Fazer desfilar os artistas portu-guezes em Paris é assistir á passa-gem d'uma ala verde, cheia de brio, de força, de esperança.

Em Sousa Lopes ha dois artis-

tas tão avultados um como o outro: o pintor e o poeta. As suas telas descriptas são outras tantas estrophes d'um poema lyrico novo, cheio de harmonia e unidade. Todos os filhos da lenda, guerreiros de aventura, ondinas, satiros, vates peregrinos, n'elle amam, cantam e choram. E despertos sob o sol, ao luar, elles di-

valleiro andante que se deitou na praia, vindo da guerra, ou de calado amor em senhorial castello. Escudo pendurado na lança, vestido de armadura d'aço, elle sente no sangue o halito puro dos genios das aguas, mas fica immovel na quietude alerta da terra, durante a noite, bebendo os balsamos do mar e os filtros da lua, armado para recommear a batalha, mal o sol nasça e as cotovias cantem.

Emquanto as ondinas se quebram contra a força, as suas irmãs passam na fimbria da agua, n'um bando de curvas vaporosas, uma allucinada ronda que marcha e murmura como os Trolls nos alegros de Grieg.

Na *Serenata* Venezia goza no seu leito de luxurias, sob o véo perola do luar. O fogo-faz florir os palacios, a agua que herdou os fremitos das veias das dogarezas. Duas gondolas vão singrando. Dentro d'uma d'ellas, umas espaduas nuas de mulher dão-se ao amante, emquanto a musica celebra as eternas bodas dos homens, da noite e da cidade, da laguna e do fogo.

N'este quadro e na *Ponte Fantasma*, exposta no Salon, a Venezia do sonho levanta-se, da Fornarina, da terra onde Childe-Harold apaziguou em volupias a agitada alma.

Sob o pincel de Sousa Lopes a sereia do Adriatico canta, solta toda a magia das suas veias tépidas, dos mantos de brocado de seus palacios. A sua Venezia é uma Venezia de noite, rendilhada, adormecida ao

luar, dos corcundas que levam por pontes tortuosas missivas d'amor. Ao pé d'esta, a de Ziem, empapaçada de vermelho e ocre, faz perguntar: Tem Venezia este rosto de corteza velha ao sol e tem de noite este desalinho seductor de virgem louca?

Na *Ala dos namorados* a antiga poesia epica resurge. O sol tomba para o poente, as flammulas e a arraia saudam, e mordida de pó, coriscando dos arnezes, a phalange passa triumphal



Interior, Sousa Lopes

zem: almas, ainda vivemos! Elles vivem todos no andar mais alto dos sentidos, e foi de lá que fugiram para o silencio das florestas, o fundo do oceano, a cinza dourada dos tempos. Tirando-os da nevoa para a vida, Sousa Lopes topou um ideal inconfundivel para a sua obra. No começo ainda e já elle se define claro, vibrando do sentimento d'uma grande synthese.

As *Ondinas* são uma suave bucolica ao luar. Volutas d'onda que são seios de mulher afagam o ca-

sob os arcos triumphaes.

No roldão

um cavalleiro negro se destaca, sob o peso d'uma dôr heroica, mas ativo. E' o desaventurado que entre os amantes perdeu a amada, não é querido ou não tem amor.

O rei encantado está em preparação. Na desfeita de Alcazer-Kibir as moiras vieram e

vae fugir, mas os braços da moira são algemas de bronze insondaveis. E no mysterioso mar dos sargaços o desterro prosegue, que

Os encantos das moiras Nada os pôde quebrar Nem condão de madrinha Nem os santos do altar!



Uma vista do atelier de Sousa Lopes

na nuvem espessa dos cabellos arrebataram o principe formoso e os seus infantes para os palacios encantados no coração das penhas, ou no fundo do mar, reza a lenda. Sousa Lopes edificou-lhes a mansão no seio do Oceano entre arvores de coral e rochas de madreperola. Nos braços finos das infieis D. Sebastião e os seus cavalleiros estão algemados. Elle tem o mesmo ar juvenil e resolutivo, olhos de creença e olhos de esperança, só os seus cabellos embranqueceram, são uma floresta que fluctua. As guitarras estão aos pés das amantes, um guerreiro transporta-se de paixão ante a sua bronzeada dama.

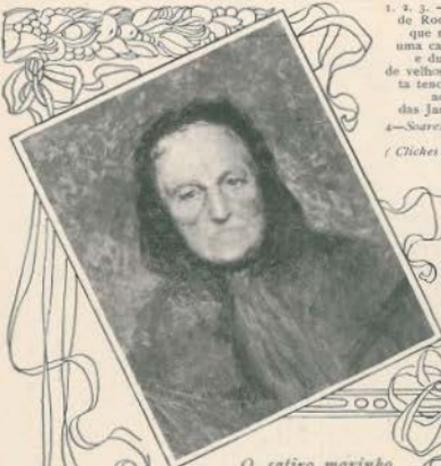
Mas lá ao alto, na superficie, um navio voga de quinas soltas e da amurada uma canção se desprende. O rei ouviu n'ella a voz da sua terra, o Tejo e os vassallos que choram e o sol que ri. E

Este quadro de Sousa Lopes, d'uma decoração feérica, parece ter saído da alma de Wagner, irmão d'aquelle *Oiro do Rheno* onde os genios do mal e os genios do bem travam ansiosa lucta.

No *Palacio da Ventura* o pincel apaixonou-se da duvida que veiu de Pyrrho e despedaçou a alma de Anthero de Quental. E' uma assombrosa mansão, vasta como o céu, gradeada de columnas asiaticas, excelsas, passavantes gigantescos, Budhas de côcoras. As linhas do desejo são assim grandes, e a respiração livre d'ancias deve ser assim ampla.

Mas que nevoa turva o olhar dos aventureados? Do mundo aportou aquelle cavalleiro, armas rotas, gotejando sangue, ilhaes do cavallo em espuma. E, abaixo da viseira erguida, as rugas da sua frente, os seus olhos melancolicos, dizem: E's tu a Ventura?

1, 2, 3. — Tres quadros de Rodrigo Soares, que representam uma cabeça de velho e duas cabeças de velhos, e que o artista tenciona offerrecer ao Museu das Janellas Verdes
4.—Soares, retrato ao ar livre
(Cliches de HENOLIB.)



O satiro marinho é outro esquiado bucolico farto d'espirito e novidade.

Um polvo, fochinho de garanhão, cara de papagaio, emerso das vagas, espreita as Ondinas, soltas na praia. Ellas fazem travessuras, raparigas coquetes deante do riso libidinoso d'um velho. Uma só vacilla, fascinada do monstro como o Apollo de bellas carnes do cêrcio hediondo dos satiros.

Mais, muitas mais telas tem Sousa Lopes, onde se define o espirito poetico da sua obra. Colhendo o mais fino e actual na lenda, nos gibões de velludo, nos espadins lavrados, está tecendo um romanceiro cujas figuras são as nossas sob o traço antigo d'um *bal masque*. Evocando as horas de transporte, nós vemo-nos dentro d'ellas com a nossa insatisfação de homens, com esse dualismo de sereia que são as mulheres, instincto primitivo que seduz, divindade que foge.

Sousa Lopes, tomando amores por todas estas creaturas da legenda sentimental ou mitologica, deu-nos um suave ideal rico de symbolos e pen-

samentos. A sua unidade impõe-se á primeira vista.

Pintor, Sousa Lopes é senhor d'um pincel harmonioso, que se apraz das elegancias femininas, puras, singolas sem o recôco de

La Gandara ou Chaplin. E amoroso, basta reparar-lhe na tez meridional, ellas não são sensuaes, não são *dels aquees*, eldeveis immaculadas da sua altura immaculável. Nos côros guerreiros, nas grandes decorações as suas côres são fogosas symphonias, d'uma gradação subtil, que é uma das melhores qualidades de Sousa Lopes. E o desenho é fiel como o Anjo da Guarda ao lado dos justos.

Para os artistas as telas de Sousa Lopes tem a caracteristica dos tons quentes, hespanhoes, da doçura das cambiantes, da preocupação do meio; para os intellectuaes offercem a senha d'um ideal formoso, mas em absoluto a sua arte ainda não encontrou uma fôrma particular, sua, que faça dizer como ante a agua de sabão de Corot: cá está um Corot!

Mas a identidade perfeita de ideal que Sousa Lopes se deu, ha de encontrar-a para a côr, para o seu pincel; e n'esse dia com a sua inspiração refinada, o seu sentimento forte, elle será um grande artista, ligando a poesia e a pintura n'um abraço estre-

to e eterno!

O desejo que devemos exprimir todos é de que chegue breve esse dia.

AQUILINO RIBEIRO.

(Prosegue no numero seguinte).



O CONGRESSO PEDAGOGICO



A mesa da sessão inaugural: o sr. Consiglieri Pedroso,
presidente, e os srs. Borges Grainha
e Lima Basto—Um aspecto da sessão na sala «Portugal»
da Sociedade de Geographia
(Cliché de BENOLIEL)

UM GRANDE ESTADISTA D. ANTONIO MAURA



Por menos conhecimentos que se tenha, quer das suas acções, quer do seu trato, é impossível a todo aquelle que não esteja acorrentado pelo interesse ao carro de triumpho do bipede que em Portugal, pelo favor do nepotismo ou pelo usufructo de uma influencia eleitoral, ascendeu a *homem de Estado*, deixar de reconhecer que á quasi totalidade d'esses homunculos faltam as qualidades intellectuaes e moraes que universalmente caracterizam a casta privilegiada dos dirigentes. O absurdo processo de selecção practicado pela politica vem de tempos, entre nós, desfalcando os partidos de elementos superiores e facilitando o accesso do governo aos incompetentes. Portugal está sendo victima-

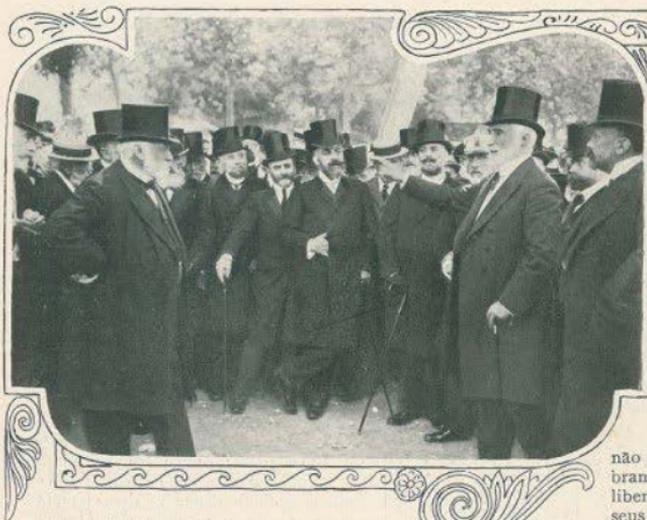
do, inexoravelmente, pela victoria do mediocre; e a ninguém é já permitido ter duvidas sobre o destino que nos espera, se os partidos politicos continuarem a não responder á funcção que os legitima. Quando, em Hespanha, Maura corta cerce o debate estéril das liberdades, reconhecendo que a liberdade é a base de todo o direito politico moderno, e formulando para o anachronismo apparente do seu partido esta divisa magistral: *A liberdade fez-se conservadora*; nós assistimos ainda ao pleito de um reaccionarismo archaico, alimentando a peleja politica com as suas reivindicações absurdas ou desafiando a serenidade dos homens sensatos com as suas concessões irrisorias.

Entretanto, em Portugal tem-se de Maura a idéa de um clerical intolerante: uma especie de João Franco com talento, chefe ostensivo dos elementos reaccionarios e abrindo caminho pela prepotencia. Esse retrato desfigurado do grande estadista vêmol-o a cada passo servir para as declamações do jornalismo, de onde não faltará quem de boa fé o visione como um despota.

Por isso a noticia recente de que o governo hespanhol deliberára adiar o proseguimento da discussão da lei de administração local, convocando os collegios eleitoraes para a renovação das municipalidades, mereceu a um jornalista portuguez a apreciação inepta de que Maura succumbia. Parece-



D. Antonio Maura, presidente de conselho de ministros de Hespanha
2.—Maura inaugurando um monumento



me conveniente aproveitar o ensejo para esclarecer um pouco, com as luzes debeis de uma impressão pessoal, essa grande figura de estadista, que a politica portugueza, n'esta hora grave, deveria examinar attentamente, e sobre a qual util seria sobretudo evitar que se radicassem na opinião publica juizos falsos.

Quando, ha dois mezes, nos encontrámos em Madrid com o chefe do governo hespanhol, Maura achava-se então em toda a plenitude do poder e do triumpho. Essa omnipotencia acabava de lhe ser confirmada pelos seus mais irreductiveis adversarios. A resposta do presidente do conselho ao discurso sensacional pronunciado na sessão do Senado de 27 de janeiro pelo senador por Guadalajara e deputado por Barcelona, D. Juan Sol y Ortega, e as declarações feitas no Congresso pelo chefe do partido liberal, D. Segismundo Moret, haviam definitivamente assegurado a victoria do grande estadista, que alguns dos diplomatas esrangeiros acreditados em Madrid consideram como um dos maiores vultos politicos da Europa. Podem circumstancias fortuitas haver, n'estes dois mezes, e entre ellas o incidente Sanchez Toca, affectado ligeiramente esse predominio. Mas o que os conflitos das paixões não lograram ao de leve reduzir foi com certeza a energia moral do homem extraordinario que com tao contagioso entusiasmo pretendeu fazer triumphar, com as unicas luctas parlamentares da discussão, uma verdadeira revolução politica. Maura não tem a tempera debil dos que succumbem. A sua temporaria transigencia, se é certo que elle desistiu de fazer as proximas eleições municipaes na vigencia da sua lei triumphante, só pode ser considerada symptomata de tibieza n'um paiz de educação politica deploravel, que soffreu durante longos mezes o jugo de um dictador teimoso e onde se pensa ainda que a energia de um estadista pode defrontar-se impunemente com reacções dispostas a não desarmarem pela violencia.

Tudo nos leva a crer que o chefe do governo hespanhol não desistiu do seu projecto de reforma, e que no dia em que se lhe impuzesse, perante a irreductibilidade das oppoções, a desistencia do seu programma, Maura resignaria sem tardar um poder tornado illusorio. Não o fez elle quando, diante da Hespanha colligada contra as suas doutrinas de autonomia cubana, abandonou o governo, e com austera tristeza lavou as mãos como Pilatos, declinando as responsabilidades do erro capital, que em breve ia arre-

messar a Hespanha para a guerra?

Maura não succumbe, não se atemorisa e não recua. E que motivo teria elle para succumbir? Os grandes golpes vibrados contra o seu projecto de administração local não tem conseguido senão revelar-lhe a fortaleza. O caso é mesmo talvez unico em politica, de se vêrem as oppoções liberaes atacarem a obra de um pretendido reaccionario, com o pretexto singular da sua liberalidade perigosa e excessiva! A autonomia provincial alimentará as aspirações separatistas, asseveram os republicanos. As mancomunidades não são senão o prologo do desmembramento da Hespanha, affirmam os liberaes. E Maura, voltando se para os seus antagonistas, depois de esclarecer

que ao poder central competia o restringir e ampliar as concessões da lei, impedindo os abusos, exclama:

«Pessoas ha, cujo patriotismo, cuja cultura e cujas qualidades individuais sou o primeiro a reconhecer, que recieam armar os adversarios e facilitar a mãos peccadoras a pratica do mal, com a promulgação de reformas que intrinsicamente reconhecem como beneficas e justas. Admitto como res-



1—D. Antonio Maura orando n'um

(funeral)

2—A esposa e o filho de Maura

petaveis todas as vacillações que esse intimo receio suggere as consciencias li-



D. António Maura no seu gabinete de trabalho

moratas. Entendo, porém, e sempre assim o entendi, que as leis não são mercês feitas ao povo, mas fórmulas de justiça social, e como taes não podem recusar-se, pois a todos se deve justiça e não ha paz sem justiça, e negar o que é legítimo pelo temor de

que amanhã se exija o illegítimo, e sacrificar os que tem razão aos que a não tem! Não ha direito para deixar de fazer o que é justo e benéfico! Prevaricamos se o não fizermos! Quando o partido republicano pediu aos governos do Rei o suffragio universal,



D. Antonio Maura; o gesto do orador

foi por acaso motivo para o recusarmos que lh'o pdissem como arma contra o throno?!



Estas nobres palavras tinhamol-as

presentes ao espirito quando, dias depois de as ouvirmos pronunciar no Senado, nos apeavamos do trem á porta do chefe do governo hespanhol, que condescendera em receber-nos.

Maura vive no rez do chão de um dos novos predios da *calle Lealtad*,

entre o Retiro e o Prado; e a primeira surpresa que nos esperava ao entrar na residencia do primeiro ministro era a matinal azafama de secretaria que enchia de laboriosa vida aquelle lar. Em todas as salas, cujas portas davam para o corredor que atravessámos até ao gabinete, havia secretarios trabalhando. Sentia-se, desde o vestíbulo, que uma colossal tarefa absorvia a existencia do homem que ali vivia. Enquanto aguardavamos no vasto gabinete, decorado com moveis de arte, as carruagens agglomeravam-se na rua, e um rumor de passos e de vozes enchia a casa.

Finalmente, o presidente do conselho assomou á porta. Alto, sanguineo, olhos azues, a barba branca e curta aparada em bico, como a do retrato do duque de Guise, Maura de tal maneira

sumo eu, com exagerado pessimismo. O pes-

simismo pode ser um perigo para o homem, mas é um profundo mal para as nações. O dever cívico da collectividade é o optimismo...

E nos seus frios olhos azues parece perpassar a doçura de uma tristeza. Com essa eloquencia natural e clara, totalmente destituída da truculencia hespanhola, que constitue uma das suas armas mais poderosas, o primeiro ministro continuava falando, attribuindo a crise portugueza, em grande parte, ao desalento colectivo.

E n'essa palestra matinal e despretenciosa, eu tornava a vêr o homem sereno e seductor, que dois dias antes, da tribuna do corpo diplomatico, eu vira no *banco azul* do Congresso desarmar tempestades com o seu hypnotizador sorriso.



Alfonso XIII e D. Antonio Maura entrando em Barcelona

corresponde no seu aspecto physico a esse ideal que Azorin evocou no seu *El Politico*, que desde logo reconhecemos n'elle o modelo que servira aos commentarios do philosopho elegante e subtil de *La Voluntad*.

Com uma nobre singeleza, Maura estendemos a mão, conduz-nos até a um *divan*, encontra logo as palavras captivantes que estabelecem a confiança e preparam o entendimento entre creaturas que pela primeira vez se approximam.

Fala-se, como é natural, da politica portugueza. O chefe do governo hespanhol não a perde de vista, antes a segue com uma attenção que não lhe deixa perder nenhum pormenor das successivas peripiecas que tão singularmente a caracterisam.

—Em Portugal estão a vêr-se as cousas, pre-

O desalento de que elle nos accusava e que eu sentia agravar-se em mim perante o espectáculo d'essa Hespanha reascida, que os meus olhos surprehendidos contemplavam havia uma semana, esse desalento como poderia comprehendel-o aquelle homem victorioso, cheio de fé juvenil? Essa duvida exprimimol-a, sem que o escrúpulo de revelar as causas inamovíveis do pessimismo portuguez lograsse mais deter-nos. Como corrigir esse desalento, se n'aquelle mesmo instante era ainda elle que dictava as nossas palavras de tristeza e de desolação? Os destinos da politica portugueza estão retidos n'uma duzia de mãos consagradas... pelas rugas. E se alguma garantia essas envelhecidas mãos nos podem dar é a da perpetuação dos seus erros. Onde vemos nós um ho-

mem capaz de manietar essas mãos nefastas e salvar o paiz?

— Um homem? — E Maurra sorri com melancholia. — Mas esse homem é impossível invental-o hoje, sem que tenhamos de regressar á concepção archaica e actualmentente inaceitavel do despota. O papel do homem de governo é o de interprete da opinião. Pode um estadista encaminhal-a, preparal-a. Não pode de fórma alguma mpôl-a. Creia, esse homem necessario ha de nascer dos flancos da opinião publica. E' ella que hoje governa as nações e não conheço perigo maior para um estadista do que pretender contuarial-a. Este modo de pensar mais m'o radicou a experiencia. Quando, perante as reclamações de Cuba, e comprehendendo que o unico caminho que levava á salvación era a transigencia, apresentei nas camaras o meu projecto de autonomia, a opinião publica condemnou-me. Não tentei reagir como ministro. Entendi que um homem não pôde arrogar-se o direito de se impôr a uma soberana opinião collectiva. Desgraçadamente succedeu o que eu tinha previsto. A Hespanha foi impellida para a guerra e é ainda com a mais vja amargura que evoco esse transe... A culpa do desastre pertencia á nação. E foi isso que salvou a Hespanha! Quando a Europa se surprehendia do nosso estoicismo, a Europa ignorava o motivo d'essa resignação. E' que todos os hespanhoes se sentiam culplices no tremendo desatino, que nos arrebatava o resto



do maior imperio colonial da terra. Foi sobre esse sentimento unanime de remorso que se tornou possivel a restauração pacifica da Hespanha. A transigencia do governo perante a opinião publica arrojár a nação para uma guerra estrangeira, mas evitava o desastre maior de uma guerra civil...

Creio que a fiel reprodução d'estas palavras auxiliará a corrigir a idéa falsa que em Portugal—onde os governos se succedem em permanente conflicto com a opinião publica—se faz do homem eminente que na hora actual dirige os destinos da Hespanha.



O chete do governo hespanhol sahindo do palacio do Oriente depois da resolução de uma crise ministerial (Clichés do NUNO MUNDO)

JUNOT-EMBAIXADOR-EM-LISBOA



I
Durante os ultimos annos do seculo XVIII, os representantes da França em Portugal—á excepção de Antonio d'Arbaud—mantiveram uma linha de procedimento, que se coadunava com os inviolaveis ritos da côrte, com as infringiveis praxes da etiqueta. O general Lannes, ministro plenipotenciario da Republica Franceza, é que se afastou d'essa linha, traçada principalmente pelos seus dois antecessores, o marquez de Bombelles e o conde de Chalons, embaixador de Luiz XVI. Lannes chegou em março de 1802 e morou, primeiro, em Buenos-Ayres, nas casas do

de e m b a r g a d o r
Santa Martha, antecedentemente habitadas pelo consul de Inglaterra, mudando-se depois para a Hospedaria Ingleza, de Thomaz Williams, no palacio de D. José Lobo da Silveira, á esquina do largo do Conde Barão e da rua dos Mestros. A sua petulancia tarimbeira era de tal quilate que, quando elle visitava o principe D. João em Queluz, perguntava sempre, com certo espirito achamboado de galucho: — «Mr. du Bresil está em casa?» Se este punha embargos a qualquer documento, que o secretario da legação franceza lhe apresentava para assignar, Lan-



1—O general Lannes, duque de Montebello. (Reprodução de uma gravura de Maudouion
2—O palacio da esquina do largo do Coude Barão e da rua dos Mestros. (1.ª enviatura de Lannes)
(Cluché de BENOJLIEL)

nes acudia logo, n'um assomo de torvosobrecenho: — «Ah! Ah! Elle não quer assignar? Vamos tel-as bonitas! O negocio agora é commigo!» E o principe acabava

por se submitter a este roncador, muito gravido de farofias. Não é de admirar que Lannes praticasse como um gêta auvernhez, porque possuia um espirito acidificavel e uma educação restricta. Ao cabo de contas, quasi todos os officiaes superiores do imperio punham de manifesto a mesma phylautia e a mesma arrogancia.

Mas, em 12 d'abril de 1802, Lannes teve um rasgo de delicadeza, e mandou um valiosissimo presente ao principe D. João, presente que foi levado a Queluz pelo seu secretario mr. Fitte e que consistiu n'um manto de velludo verde ricamente bordado a ouro, um selim bordado a ouro com seus coldres riquissimos, duas pistolas da fabrica de Versailles, delicadamente trabalhadas, uns arreios e freio para cavallo igualmente ricos, e uma espingarda de dois tiros para a princeza D. Carlota Joaquina. O principe retribuiu esta delicadeza com outra, porque, em junho, enviou a Lannes um rebonissimo presente, le que foi portador João Diogo de Barros (futuro visconde de Santarem), seu guarda-joias. Consistiu no retrato de S. A. R., circulado de diamantes e encimado por uma corôa de pedrarias, uma espingarda especialmente fabricada na fundição, dois pares de pistolas, umas grandes de dois canos e outras pequenas, tendo os respectivos polvorinhos, em vez de polvora, ouro em pó e 24 balas, sendo 12 grandes e 12 pequenas.

Durante esta enviatura de Lannes, rebentou um grosso escandalo na côrte de Queluz. D. Eugenia



José de Menezes, filha do conde de Cavalleiros, dama-camarista do paço, e, segundo se boquejava, ex-amante do principe regente, es-capuliu-se com o medico da real camara, João Francisco de Oliveira, casado e com quatro filhos, homem bem falante e sabedor de linguas, mas que era um polhastro useiro e vezeiro n'estas façanhas, porque já fôra expulso da

ilha da Madeira como desinquietador de familias, e andára na campanha do Roussillon, de onde trouxe uma franceza, e na campanha do Alemtejo, onde raptou uma freira.

Lannes pediu passaportes, abalou na madrugada de 10 de agosto de 1802 para Aldegallega e tomou a posta para Paris, onde não aqueceu o lugar, porque, em 11 de março de 1803, voltava a Lisboa, a fim de exercer a sua segunda enviatura. Então, estabeleceu residencia no palacio do largo do Loreto, que fôra mandado edificar em 1791

pelo pecunioso negociante Francisco Hygino Dias Pereira, palacio adquirido em 1830 por João Ferreira Pinto Basto, que n'elle recebeu a visita de D. Pedro IV em 29 de julho e 2 de agosto de 1833.

Na segunda enviatura, cambiou de tactica. Se, na primeira, fôra brusco, impertinente, prenhe de fanfarronias, na segunda foi blandicioso, persuasivo, cheio de repousias. As suas conferencias com o principe regente ameadaram-se, e teve algumas nocturnas, como a que se realisou na noite de 18 de novembro de 1803 para ultimar a combinação da nossa neutralidade, sellada, em fim, pelo inappellavel tratado de 19 de março de 1804, o que motivou enviar-se, ainda por cima, a Talleyrand um



1—A rainha D. Maria I

(Gravura de Gaspar Frois)

2—A princeza

D. Maria Benedicta, (Lithographia de Sendim)



presente, composto de uma caixa de rapé guarnecida de brilhantes e um anel com um solitário.

Em certa ocasião, andando o príncipe regente á caça das perdizes na tapada de Queluz, appareceu inopinadamente o general Lannes, que depois o acompanhou na partida venatoria e foi presenteado com uma lebre por sua alteza.

Em outra occasião, madame Lannes, n'um requinte de brios, presenteou D. Carlota Joaquina, então no paço de Mafra, com uma coberta de cama, toda de rendas maravilhosas, pelo que o ajudante de seu marido, conductor da dadia, recebeu d'aquella princeza uma bellissima sortilha, em que se entrecruzavam os raios lampos das pedras caras.

Lannes conseguiu tornar-se *persona gratissima* ao príncipe regente, que ficou tão agradado com o pseudo diplomata, que elle e D. Carlota Joaquina apadrinharam um seu filho, baptisado com o nome de João, na real capella da Bemposta, em 29 de setembro de 1803. O baptismo cele-

brou-se consoante as inflexiveis regras do protocolo, sendo o neophyto conduzido nos braços da mãe, acompanhada pelas marquezas de Lumiares e de S. Miguel, e por seis damas, e baptisado pelo principal Miranda. O padrinho brindou o general francez com um presente avaliado em quatro mil libras esterlinas, afóra tres duplos punhados de brilhantes naifes, e a madrinha presenteou madame Lannes com o seu retrato, circumdado por tres ordens de diamantes e fechado por uma corôa, cujas



pedras tremeluziam com a gamma inqueieta dos seus fogos. A' noite, o enviado francez deu um luzido serôno no seu palacio, durante o qual se ouviu uma orchestra dirigida pelas batutas magistraes de Marcos Portugal e Fioravanti, e em que a Catalani, a Gafforini e o Naldi brilharam na plenitude radiosa do seu canto doçor.

Lannes assistiu á ceia e ao baile que os marquezes de Bellas deram em 27 de novembro de 1803, na sua quinta d'aquella villa, localidade frequentadissima pelos rouxinoes lyricos, porque até a Catalani foi jantar lá, com grande sequito, em 10 de fevereiro de 1804, indo montada n'um soberbo cavallo fantil, que o príncipe D. João lhe emprestára para entrar n'uma opera, e porque até a Gafforini foi cantar lá, no concerto de 1 de setembro de 1803, offercido pelo conde de Redondo, no Bom Jardim, onde D. Carlota Joaquina ouviu, pela primeira vez, essa cantatriz, que, esfusiando volatas, conquistava todos os suffragios e esgotava todas as formulas da admiração.

Além d'aquella festa do enviado francez, houve ainda outras, em que a sublime Catalani fez rutilar á sua corôa sideral de princeza estrellada do palco: a do paço de Mafra em 6 e 7 de novembro de 1801, destinada a commemorar a paz geral; a de D. Francisco de Almeida Mello e Castro em 12 de dezembro de 1801, quando abriu as salas do seu palacete da Cova da Moura, comprado ao illustre sir William Beckford, na quarta vez que este dinheiroso escriptor esteve em Lisboa, o qual Beckford o



1—Palacio do largo das Duas Egrejas
(2.ª enviatura de Lannes)
2—Capella da Bemposta, em que se effectuou
o baptismo do filho de Lannes
(Clichés de BENOLIEL).



comprára, por seu turno, aos herdeiros do inglez Thomaz Orne em 1794; a da condessa de Lumiães, no dia de seus annos, em 25 de maio de 1802; a do visconde de Balsemão em 29 de maio de 1802; a dos recém-casados viscondes da Bahia, no seu palacio de S. Sebastião da Pedreira, em 15 de setembro de 1803; a do paço de Mafra, em 26 de outubro de 1803, celebrando o primeiro anniversario do infante D. Miguel; a de Lannes em sexta feira da processão dos Passos da Graça, no anno de 1804; e a que o mesmo plenipotenciario offereceu á sociedade de escol no dia 10 de maio de 1804, em que o metal precioso da voz da Catalani rebrihou com essa transcendente arte que enfiçava o espirito pelo caminho do coração.

N'esta ultima festividade, appareceram, entre outros pentaedros, *as orelhas de cao d'agua*, umas tranças que pendiam aos lados do rosto e cahiam sobre os seios, o que os lisboetas denominaram *gafforina*, porque suppozeram ser uma invençionice da Gafforini, quando a cantora foi, simplesmente, quem apresentou, pela primeira vez, em Lisboa, essa moda parisiense, que fez escancarar as mandibulas dos pintalagretes n'um protapso de basbaquice sandia.

Mas como, segundo reza o annexim latino, *non semper erunt saturnalia*, o general Lannes, promovido a marechal, teve de abandonar a doirada circumfusa da nossa côrte e de tomar o caminho de França na madrugada de 31 de julho. Sua esposa largou na fragata *Carlota* para Lorient, tendo por companheiro de viagem a D. Lourenço de Lima, novo embaixador em Paris, que conduziu uma corça phosphorescente de riquezas lapidarias e um sceptro em que pyrilampisavam esplendidos chrystaeas, objectos avaliados em seiscentos contos de réis e offerecidos pelo principe regente ao imperador dos francezes, a fim de lhe servirem na sua coroação.

Talleyrand quiz confiar a nova embaixada em Lisboa ao marechal Lannes, mas, como este não estivesse pelos autos, Napoleão poz



a mira em Junot, que accetou vir para uma côrte, que era *uma casa sem rei nem roque*, segundo a phrase do proprio Lannes. Accetou-a, porém, com reluctancia, porque o seu desejo era engolpar-se na voluptuosidade vermelha das batallas, na gloria sangrenta das conquistas. Por decreto de 4 do *pluviose* do anno 13 (23 de janeiro de 1805), o coronel-general Junot foi nomeado embaixador em Lisboa, e mr. de Rayneval foi nomeado seu secretario.

O novo embaixador, sua esposa e sua filha vieram juntos até Bayona, onde Junot encontrou ordens formaes do imperador, e, em virtude d'ellas, abalou, de róta batida, com o seu ajudante Laborde para Madrid, emquanto madame Junot proseguia no seu *coche de collettas* e se via em calças pardas para se livrar das unhas farpantes dos bandoleiros hespanhoes. O mesmo precalço acontecera a Antonio de Araujo de Azevedo, quando voltava da côrte moscovita, pelo que requistava, e obteve, de D. Pedro Cevallos uma guarda de seis miquelêzes para o escoltarem de Madrid até Badajoz.

Os dois Junots abalaram juntos d'esta capital, e, perto de Trujillo, encontraram Jeronymo Bonaparte, futuro rei de Westphalia, que vinha de Lisboa, onde estivera hospedado na Casa de Pasto de Carlota Montana, no largo de S. Paulo, n.º 12 moderno 2.º andar, e onde deixára temporariamente sua mulher, a lindissima Elisabeth Paterson, a quem mr. Serrurier, consul e encarregado de negocios de França, se negára a entregar pasaporte. Um outro Bonaparte, o Luciano Bonaparte, que, na qualidade de embaixador em Hespanha, firmára o deploravel tratado de Badajoz em 1801, fôra presenteado com velho moscatel de Setubal por D. Carlota Joaquina, vinho que figurou entre as sete mil garrafas da frasqueira de Carlos X, vendida depois do throno ser arrastado na espyral do cyclone revolucionario de 1830.

Junot chegou á nossa côrte em sexta feira, 12 de abril de 1805, fixando residencia no palacio do largo do Loreto, do qual ficou a pagar 1:600\$000 réis de renda annual, a mesma que pagava Lannes. Defronte d'elle,



1—Sir William Beckford
2—Sir William Beckford na velhice

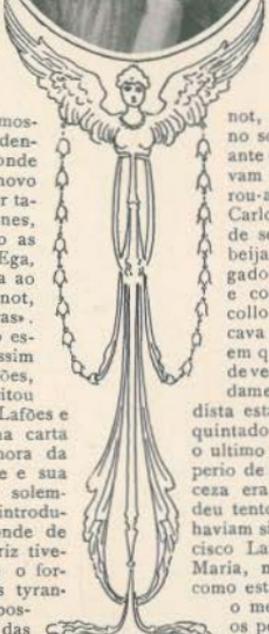




no quarto andar do predio que torneja da rua do Outeiro para o largo de S. Carlos, morara o consul Serrurier, e morava o celeberrimo sopranista Crescentini, que, com sua voz hermaphrodita e seus ademães androgynos, fanatisára o publico do nosso theatro lyrico, chegando mesmo a inspirar sentimentos que a chronica secreta dos sopranistas picantemente consignou. Ao principio, Junot desgostou-se da casa, por motivo da visinhança da Encarnação, cujos sinos lhe azoavam a cabeça, e parece que desejou mudar-se para o palacio de Palhavá.

Em torno do novo embaixador, condensou-se logo uma balsamica atmosphera de sympathia. Uma carta confidencial do ministro dos estrangeiros ao conde de Villa Verde dizia:—«Conheço o novo nomeado para embaixador, tem maior talento e é mais amavel do que Lannes, porém julgo que as intenções serão as mesmas». Uma carta do conde da Ega, datada de 14 de abril, confidenciava ao mesmo Villa Verde:—«Estive com Junot, que é vivo, tem boa presença e maneiras». E outra carta secreta do supracitado estadista a Villa Verde, apreciava assim o Junot:—«Modo, figura e expressões, tudo previne em seu favor». Junot visitou os secretarios de Estado, o duque de Lafões e o patriarcha, para o qual trazia uma carta recommendatoria, até que, pela 1 hora da tarde de quarta feira, 24 de abril, elle e sua mulher foram recebidos em audiencia solemne no paço de Queluz, servindo de introductores o marquez de Bellas e o conde de Almada. O embaixador e a embaixatriz tiveram de cumprir observantissimamente o formulario regimental da pragmatica, as tyrannicas leis da cortezanice, que então possuíam a magestade lenta e complicada das liturgias. Segundo programatisava o ceremonial, madame Junot levou o *panier* ou o donaire, cuja elegancia redundante deixára de ser moda em França havia dezeseite annos!

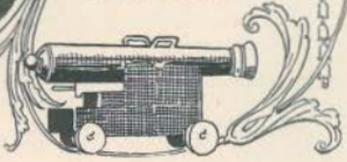
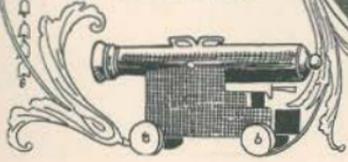
Uma testemunha presencial diz que Junot «deu o seu recado com polidez e civilidades.» entregou as credenciaes, uma carta autographa de Napoleão para o regente e uma caixinha quadra-



da, de que foi portador o coronel Laborde e que continha sete gran-cruzas da Legião de Honra, sendo uma—com placar de diamantes—para sua alteza real, e as outras para os duques de Lafões e de Cadaval, conde de Villa Verde, marquez de Bellas, ministro dos estrangeiros e D. Lourenço de Lima, embaixador em Paris. Depois, foram recebidos em audiencia particular por D. Carlota Joaquina, D. Maria I e D. Maria Benedicta. N'este dia, as damas palatinas estreiraram um traço azul e vermelho, que a princeza real lhes mandára confeccionar para as recepções solemnes. Madame Junot, ao vê-las tão caricaturas e sentadas no solo com as pernas cruzadas—porque, ante os monarchas, as damas só se sentavam no chão ou em tamborêtes—comparou-as a cacatúas. Excepcionalmente, D. Carlota Joaquina não tivera a celebreira de se apresentar, como costumava nos beija-mãos, com um vestido de chita afogado no pescoço e de grande cauda, e com a banda das Tres Ordens a tiracollo, ao invéz do que, mais tarde, praticava nos beija-mãos no Rio de Janeiro, em que luzia um vestido de cauda roçagante de velludo e ouro, preciosa confecção de madame Josephine, da rua do Ouvidor, a modista estampilhada com o sinete do gosto requintado, a modista que ainda logrou impôr o ultimo figurino ás cariocas elegantes do imperio de D. Pedro I. Junot achou que a princeza era feia como as Eumenides. Mas não deu tento aos seus bastos cabellos negros, que haviam sido penteados pelo cabelleiro Francisco Lafontaine e pelo cabelleiro Pedro Maria, maculado com a eiva do maçonismo, como estavam sendo penteados por mr. Louis,

o mesmo que bisbilhotou a Junot todos os peccadinhos d'essa retrincada senhora, para quem o amor era apenas a afinidade electiva de duas cellulas. No dia immediato, 25 de abril, anniversario natalicio de D. Carlota Joaquina, onde o beija-mão em Queluz, onde o espectaculoso embaixador se apresentou no trinque do luxo, ostentando o seu bello uniforme de coronel de *hussards*, todo reluzente de ouro, e com uma pellicha debruada de pelles

1—A cantora Catalani
2—A cantora Gafforini



de repouso azul, mas conservando-se de *shako* flamante na cabeça, desprimor que summamente aggravou a prosapia dos aulicos, mas que não pôz empacho a que o regente lhe mandasse pedir o uniforme para modelo de outros dois, destinados a elle e a seu filho Pedro, uniformes que foram feitos por mr. Pierre Duprat, alfaiate de sua alteza real, estabelecido no 1.º andar, lado esquerdo, que hoje tem o n.º 17, fronteiro á calçada do Sacramento.

A missão diplomatica de Junot cifrava-se em nos induzir a cerrar os portos a s navios inglezes e em se estipular um tratado de alliança entre o imperio, Portugal e Hespanha. Mas, antes de se encetarem as negociações, houve um peguinho. No dia 6 de maio, entrou no Tejo uma frota de 70 velas inglezas, que procurava revitualhar-se e desembarcar a maruja, ao que o embaixador francez pôz obices, porque reputou uma infracção de neutralidade. Este caso urgico e biculo prestou flanco ás investidas de Junot, que desembestou tres notas diplomaticas, a ultima das quaes se adargou com os modos aggressivos de um *ultimatum*, o que com-



Na batalha de Friedland a 17 de junho de 1807
(Detalhe do quadro de Horace Verret)



Junot (Gravura de Maudouzon)



A duquesa de Abrantes, segundo uma miniatura de Guaglio

pelliu o gabinete portuguez a influir junto do almirante inglez, que, apenas o vento lhe deu bordada, botou fóra da barra. Junot conferenciou, pela primeira vez, com o principe na noite de 19 de maio, no paço de Queluz, estando presentes o conde de Villa Verde e Antonio de Araujo de Aze-

vedo, que se retiraram d'alli para Lisboa depois de soar a meia-noite. A's 8 horas da noite de 27 de junho, o embaixador conferenciou, de novo, com o principe na Bemposta, e no domingo, 7 de julho, foi a Cintra para assistir ao banquete que Antonio de Araujo offereceu ao corpo diplomatico na Casa de Pasto da irlandeza Mrs. O'

Daisy Cassidy (hoje o hotel Lawrence), onde, quatro annos depois, se hospedaria Lord Byron, que, n'uma alcova do segundo andar, escreveu o primeiro canto do *Childe-Harold* e lançou a magestosa purpura das suas rimas sobre a paisagem cintrese, rescendente ás fragancias do Eden.



No mesmo mez de julho de 1805, ás 11 horas e 3 quartos da noite de 24, D. Carlota Joaquina tinha o seu delivramento da infanta D. Maria da Assumpção, correndo immediatamente um cama-

rista a participar a fausta nova ao príncipe real, que se limitou a pegar n'uma folhinha, a folheal-a até vêr em que dia cahia a lua e a teimar depois que a infanta lhe não devia o ser, porque elle não tivera relações conjugas com a esposa n'aquella occasião. O principal Camara fez-se cargo de levar zo espirito de D. João o convencimento de que a recém-nascida era, effectivamente, sua filha, mas só o conseguiu depois de empregar a mesma logica ferrea que usaria para provar, *a posteriori*, a existencia de Deus. Mais tarde, o principal Camara pegou de malucar, e a maluqueira dava-lhe para dizer nas salas que frequentava: — «Nada, não pôde ser. Não é filha d'elle. Eu enganei-o!» Aludindo assim ao facto de haver embaçado o príncipe.

Junot inaugurou as suas assembléas das quintas feiras, em que havia jogatina de voltarete, cassino, quinze e *whist*, o forte do embaixador. Celebrava-se a assembléa do anniversario natalicio de Napoleão, em que, após o jantar, se realisou um grandioso baile, que foi illuminado pelas alegrias desenfreadas do luxo. As bancas, guarnecidas de bronze e pedra branca, encostaram-se braços osculados pelo beijo luminoso e frio das pedras irradiantes; nas cadeiras e nos canapés estofados de nobreza, sentaram-se modelos de impecabilidade corporea, cuja formosura era triplicada pela mentira dos cosmeticos. Emquanto as retardatarias retocavam as garridices capillares no gabinete de



vestir, nas salas chireavam sedas, ferviam rendas que rebentavam em jactos de espuma, soavam vozes que se diriam notas perdidas de flautins de prata, ramalhavam leques empunhados por mãos delicadas, cuja graça rythmica tinha o vôo balançado de uma aza. E os sons da orchestra derramavam azeitune nas pernas dos valistas, emquanto nas laminas dos espelhos se animatographava

uma rotação continua de collos de neve sublinhada de ambar, decotes riscados em triangulo isosceles, gargantilhas de topazios, plumas tremulantes, sedas de côr das lamas de Paris, musselinas da India, casacas verdes e calções de seda.

Junot frequentou assiduamente o theatro de S. Carlos, onde teve de assignatura o camarote n.º 41 e onde o viam com sua mulher, o coronel Laborde e Rayneval, um amador musical de primeira ordem, que compoz musica (em colaboração com D. Thereza de Sousa Holstein, futura condessa de Villa Real) para algumas operas comicas que subiram á scena no theatro da casa Palmella (Sousas Calharizes), no Calhariz de Bemfica, onde tambem se representaram comedias portuguezas e francezas.

Por despacho de 22 de setembro de 1805, Talleyrand ordenou a Junot que regressasse a Paris e que se desculpasse com o governo portuguez, dizendo-lhe que partia em gozo de uma licença ha muito reclamada. Em 6 de outubro. Junot foi visitar sua mulher ás Caldas da Rainha e em 12 foi a Mafra,



1—O príncipe regente
D. João
2— D. Carlota Joaquina

no intuito de se despedir do príncipe, jantou ali com o conde de Villa Verde, os outros ministros e o marquez de Pombal, camarista de semana, jogou o *whist* com o conde de Villa Verde e pernitoou no paço. Em 19, voltou a Mafra, para definitivamente apresentar as suas despedidas, esteve no côro da real capella a vêr a festa, entrevistou-se com o príncipe e veiu jantar a Lisboa. Como tinha as bagagens promptas, em 20, domingo, a sua caruagem de posta bateu, nas horas de estalar, para Hespanha, seguindo de Aldegallega por Vendas Novas, Arrayollos, Elvas, Badajoz, Merida, Trujillo, Navalморal de Plasencia, Talavera de la Reyna e Valmojado até Madrid, onde, apoz breve detença, montou a cavallo e picou a toda a brida, retilhando o caminho da posta por Segovia, Valladolid, Burgos, Victoria, Tolosa, Irun e Bayona até Paris. Sua esposa, que se transportára n'uma liteira de Cintra para as Caldas da Rainha, tornou para a capital em 25, despediu-se em 26 do príncipe D. João, que, para este effeito, veiu propositadamente ao paço de Belem, e assistiu a um banquete que o ministro dos negocios estrangeiros lhe offerceu e no qual a famigerada cantarina Catalani soltou as perolas ensartadas no fio exquisito da sua voz. Finalmente, á 1 hora da tarde de segunda



Jeronymo Bonaparte

(Gravura de Couché fil)

feira, 9 de dezembro, D. Carlota Joaquina concedeu uma audiencia de despedida a madame Junot, em Queluz, e, a seguir, uma outra ao barão de Strogonoff, novo ministro da Russia na côrte madrilena, com quem a condessa da Ega viria a matricular-se em segundas nupcias. Depois, a embaixatriz franceza e o ministro russo jantaram nos aposentos de D. Maria Moscoso, uma cubicularia que viera de Hespanha com o infante D. Pedro Carlos e que interveiu na conspirata palacessa de 1806, cujo descobrimento deu occasião a serem envenenados mysteriosamente, no paço de Mafra, por meio de um prato de brocolos e de chavenas de chocolate, o ajudante do intendente da policia e dois dos seus auxiliares, successo de que dimanou um proverbio corrente n'aquella epoca: — Livra-te dos brocolos e do chocolate de Mafra.

Madame Junot deixou «esta Lisboa bem amada» e rodou no corricôche para Madrid, onde, por ordem de Talleyrand, colheu informações acerca da doenca da princeza das Asturias, que diziam envenenada com um veneno lento por D. Manuel Godoy, amante da rainha Maria Luiza, postoque lord Holland, nos seus *Souvenirs Diplomatiques*, affirme que ella morreu provavelmente de morte natural. Quando chegou a Paris, já seu marido redourára as dragonas com o sol brilhante de Austerlitz.

Entretanto, o bomtom alfacinha conti-



Luciano Bonaparte (Gravura de Mauduisson)

nuava a tomar chá e se-
 quilhos em casa de lord
 Robert Fitz-Gérald, na
 travessa do Enviado de
 Inglaterra, a saborear o
 chocolate e rosas de *la*
Reina no palacio do velho
 conde de Campo-Alange,
 á Boa-Morte, a sorvetear
 no palacio da vivua do
 opulento Anselmo da Cruz
 Sobral, ao Campo Pequeno,
 a engulpar fiores nos
marcaros de agua do mar-



velmente apparelhados por
 uma infinidade de causas
 lentas.

Dentro do praso de dois
 annos, aquelle mesmo ju-
 not, que acabava de ser
 embaixador em Lisboa, se-
 ria investido no comman-
 do do exercito de obser-
 vação da Girona, encar-
 gado de occupar Portu-
 gal, e deveria essa inves-
 tidura não só ao facto de
 conhecer o nosso paiz,



quez de Pombal, ás Janel-
 las Verdes, a affrontar os
 olhares sobscriptados pela
 pontaria das lunetas diplom-
 ticas na residencia de Antonio
 de Araujo, ao pé do con-
 vento de Belem, e a contradan-
 sar nos salões em que a peral-
 tice dos dois sexos exercia o seu
 condominio de influencia. Com-
 tudo, grandes acontecimentos
 politicos se preparavam em
 surdina, semelhantes a esses
 phenomenos geologicos, repen-
 tinos e consideraveis, insensi-



mas tambem ao facto de
 manter relações amorosas
 com a branca e bella princeza
 Carolina Bonaparte, e o impe-
 rador querer cortar rapidamente
 essas relações.

Mas a sua interprêsa militar
 fracassou, como fracassara, a
 sua missão diplomatica.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

1—Italo Orpheo 2—Fachada do lado
 dos jardins do palacio
 de Queluz 3—Lord Byron

LÁ POR FÓRA

UM MELHORAMENTO POSTAL.—O serviço da posta urbana acaba de receber em Paris um aperfeiçoamento importante com a adaptação de caixas para o lançamento da correspondência nos tramways que circulam nas linhas dos arredores da cidade, e que são mudadas nas diferentes paragens visinhas das estações postaes. Em Madrid foi já decidido adoptar a mesma instalação nos carros da viação publica que servem os bairros afastados. Em Lisboa é natural que mais cedo ou mais tarde se introduza tambem o mesmo melhoramento, e por isso damos aos



nossos leitores, a titulo de curiosidade, uma photographia das caixas parisienses.

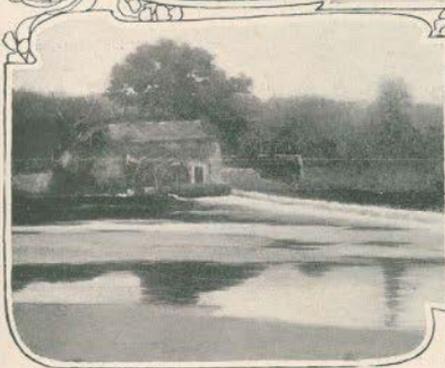
(Cliché de CH. DELIUS)

EXPOSIÇÃO DE CANOAS-AUTOMOVEIS.—Um dos artigos do programma da grande semana sportiva de Monaco consistiu na exposição de canoas automoveis, da qual a nossa photographia reproduz uma vista geral, que póde dar aos nossos leitores uma idéa da importancia do certamen, e dá sufficiente testemunho do desenvolvimento que tem adquirido a navegação automobilista.

(Cliché de ROVER)



AS NOSSAS EXPOSIÇÕES



- 1—O pintor Julio Pina
- 2—Azenha de Portuzello
- 3—Promessa á Virgema Maria (Maiestroi—Bretanha franceza)
- 4—Azenha da Trofa

A EXPOSIÇÃO DOS QUADROS DE JULIO PINA

A exposição dos trabalhos d'este novo pintor portuense, que era ainda inteiramente desconhecido do publico de Lisboa, inaugurou-se, no salão da *Illustração Portu-gueza*, no dia 10 do corrente. Damos n'esta pagina a reproducção photographica de tres das telas expostas, que poderão servir para dar idéa, aos que não tiveram ensejo de visitar a exposição, do merito do artista.

A Joia moderna em Portugal

JOÃO DA SILVA

A joia que, em todos os tempos, teve cultores distinctos, nunca encontrou em Portugal artista algum que lhe assignalasse no nosso meio um lugar de destaque entre os objectos d'arte. Houve estylos, seguidos de perto umas vezes, outras modificados pela mão pesada do artifice, que lograram entrar as nossas fronteiras. Já houve joias marcadamente portuguezas. D'ahi, porém, a haver entre nós existido o que com propriedade se pôde chamar a joia

d'arte — te vae uma enorme distancia. Pode mesmo affirmar-se, sem receio d'errar, que nunca em Portugal se cultivou a joia d'arte. E tambem é certo que jámais artista portuguez deixou na joalheria uma obra.

Lá fóra a joia encontrou sempre esplendidos artistas que n'ella deixaram muito do seu talento e da sua inspiração.

De Benevuto Cellini até hoje muitos nomes gloriosamente se affirmaram, assignando essas minusculas maravilhas que devem ser as joias.

Houve um interregno, entretanto, no seguimento d'essa dynastia brilhante.

Quando, depois do reinado dos *parnasianos* — esses homens

que clamavam *pas de sanglots humains dans les chants des poètes* — appareceram os *symbolistas*, os *preraphaelistas*, emfim todos esses resuscitadores de fórmulas e sentimentos antigos, surgiram tambem alguns artistas que se dedicaram a crear aquilo a que, por commodidade dos catalogadores e confusão de nós todos, se chamou *arte nova*.

Foi por esse tempo que appareceu tambem um homem de talento superior e multiplas aptidões que empregou todo o seu esforço

para fazer da joia — « uma verdadeira

obra d'arte ». Chama-se esse artista René Laligne, e appareceu tentando a resurreição da grande joia decorativa, de que nos falam Flaubert na *Salambo*, Brantome nos seus discursos e Cellini nas suas memorias.

Para isso juntou ás pedras consideradas preciosas todas aquellas que encerrassem um momento de belleza, isto é, todas as que pudessem concorrer por sua côr ou fórmula para a belleza harmonica do conjunto.

Fez o que, segundo o critico francez Gustavo Kahu, fizeram os



1—João da Silva: Um *Marcel Bing*: ouro, esmalte e marfim; broche. 2—Um *Collona*: prata oxidada e grandes perolas irregulares; *pendentif*. 3—João da Silva: Bule em prata cinzelada. 4—João da Silva: Corrente em ouro e medalha com retrato em marfim

romanticos; estes para a lingua-gem, augmentando a riqueza do vocabulario e apagando a distincção arcadica e poeirenta en-

preferivel ter feito um complexo resumo da evoluçào da joia, eu apenas busquei dar em dois largos traços a sua moderna concepção.

tre palavras nobres e palavras vulgares, aquelle para a joalheria, acrescentando o-

lhe consideravelmente os materiaes e destruindo o preceito da preciosidade e commercial como elemento indispensavel da joia.

René Laligne, cuja arte tão deliciosamente complicada, *Savoireuse*, tem vindo a desenvolver-se mais e mais, sempre evolutindo, já abandonou a sua *maneira*. Já não é o arabesco, a linha, o que o tenta e o que elle imprime como caracteristica ás suas obras. Elle, depois do seu primeiro processo, complicou-se mais; o certo, porém, é que elle se tornou mais complexo. Fez

da joia uma verdadeira obra prima, resumindo n'ella toda a belleza das grandes esculpturas e mesmo da pintura nas suas joias esmaltadas. A joia passou a ter definitivamente as proporções d'uma authentica obra d'arte. Hoje tenta o que elle chama a *joia pessoal*. Quer imprimir a esse objecto alguma cousa de caracteristico da psychologia de quem o usa. Creio que será esta a joia ideal.

E' de notar que René Laligne tem muitas joias que se não podem usar, o que não deve causar pasmo, pois que segundo o artista a belleza da joia deve ser a

mesma, quer usada por uma bella dama, emoldurada em tenues e preciosas rendas, quer exposta na aridez do taboleiro d'uma vitrine.

O estudo d'este artista, interessantissimo e d'uma grande valia para quem tentar conhecer a orientação moderna de joalheria artistica, demanda um espaço consideravel de que não posso dispôr nas paginas da *Ilustração Portuguesa*.

Quanto mais que, sendo talvez



João da Silva: S. João Baptista, cobre cinzelado (repoussé)

ra. Não ha asperezas nos traços; tudo é doce, brando, embora energico. D'ahi o poder considerar-se um artista perfeito.

Mas, antes de entrar na apreciação das suas obras, convém conhecer alguns dados biographicos que para o esclarecimento d'ellas concorrem poderosamente.

João da Silva completou o curso da Escola Principe Real em 1900, seguindo para Paris, onde se empregou como cinzelador na casa Fleuret. Ahi passou um anno, no fim do qual, por influencia do sr. Antonio Arroyo, partiu para Genebra, pensionado pelo Estado, para cursar a *ecole des Arts Industrielles*, voltando depois a Paris diplomado por aquelle importante instituto.

Uma vez concluido o seu curso de Genebra, entrou para a Escola das Bellas Artes, frequentando o curso de medalha sob a direcção de Chaplain. Logo no 2.º anno con-

Anneis.—Fivella lada; pavão e dade do Museu corativas de



(Clichés BRISOLINI.)

em prata cinzelado. (Propriedades Artes de Genebra.)



quistava o primeiro lugar entre os discipulos de Chaplain, sendo-lhe conferido n'esse anno, e no 3.º e ultimo, o primeiro premio de curso.

Quiz estudar a medalha para complemento dos seus conhecimentos de cinzelador.

Segundo João da Silva, «todo o cinzelador deve ser medalheiro; o estudo d'esta arte é-lhe indispensavel, se não deseja resumir-se ás funcões d'um simples technico. A cinzelagem deve ser feita por quem executa o original, e este tanto poderá ser reproduzido no fundo d'uma salva, como no bojo d'um vaso ou n'uma simples placa.»

a Silva, o director da escola tinha a phrase: «*Votre plat reste toujours un des meilleurs diplomes de l'École.*»

Além d'isso, o Museu das Artes Decorativas da mesma cidade adquiriu tres objectos do artista. São elles os seguintes: *Pavão*, fivella de cintura, em prata, cuja gravura illustra o presente artigo; *Cyclamen*, fivella de cintura, em prata, tambem representada aqui; e um *Vaso*, cinzelado em cobre e bronze.

Tambem Paris o conhece. Na passada grande exposição do *Salon*, foi-lhe conferida uma menção honrosa pela sua *plaque* «*Les Funerailles d'Atala*», que é uma ma-



A toilette de Diana: Prato em prata cinzelada (repoussé), concurso para a obtenção do diploma da Escola das Artes Industriales de Genebra

A sua passagem pela escola de Genebra ficou honrosamente assignalada.

O seu trabalho executado para a obtenção do diploma acaba de ter uma brilhante consagração. E' um prato cinzelado em prata, que elle intitulou *Toilette de Diana*, e que, como todas as obras dos concursos de diploma, é propriedade da escola. A *École des Arts Industrielles* escolheu-o para a representação dos seus trabalhos na recente exposição quasi universal de Londres.

Na participação, que do caso fez

ravilha de execução e concepção. Inspirado por Chateaubriand, João da Silva poudo, com uma sobriedade encantadora, dar corpo a um dos mais commoventes episodios do litterato francez, conservando-lhe todo o sabor poetico.

Algumas das obras do artista, especialmente respeitantes á joalheria, figuram entre as illustrações do estudo presente. De leve, apontaremos o que mais nos parece lazer realçar n'ellas o talento de João da Silva.

Em primeiro lugar, por mais volumosa, citaremos o seu *Bule*. Cinzelado em prata, o seu motivo decorativo é a planta do

chá. A execução é perfeita, e n'elle a singeleza de decoração eguala a elegancia artistica dos detalhes e do conjunto.

Domina a tampa, como decoração unica, uma cabeça de Nimpha, n'uma attitudo de sonho, e cujos cabellos longos e espalhados lembram a quietude evocadora dos lagos parados e silenciosos.

N'esta, como em quasi todas as obras de João da Silva, não ha arrojadas de linhas. Na joalheria a inspiração deve ser calma. A linha deve desenvolver-se saborosamente branda, n'uma harmonia completa.

Eu já o disse acima, o traço nas obras d'este artista não tem asperezas. João da Silva é um terno; as suas obras são sempre cuidadosamente acabadas, definidas, e a brandura da execução contrasta bastas vezes com o indefinido das attitudes e a profundidade da inspiração.

Assim, no *Diogenes*, um alfinete de gravata, os contornos, perfeitamente lançados, são energicos: musculos fortes de homem sóbrio, barba hirsuta, aspecto severo, fronte profundamente enrugada. A energia do perfil é completa. Entretanto, todo o traço é brando, não ha asperezas e o conjunto é d'uma verdade atrahente. A arte, n'este pequeno objecto, é tão complexa que consegue offuscar a preciosidade enorme do grande brihante que serve de lanterna.

Inda mesmo com este detalhe d'um valor consideravel, esta obra obedece á formula geral da joia moderna, fundada sobre um principio d'arte e não sobre um principio de riqueza. Os seus anneis são preciosos-ismos. To-

dos decorados sobriamente, recorrendo pouco ao detalhe lapidario, egualam-se na superioridade com que o artista os concebeu e executou.

D'entre elles, porém, é justo destacar o que elle chamou *Pensée*. O corpo da mulher apoia-se brandamente a uma esmeralda. A pequena escultura é modelar. A cabeça da mulher, cuja expressão concentrada evoca logo á primeira vista a meditação, o pensamento, encosta-se a uma flôr *pensée*, segundo os francezes, por nós chamada *amor perfeito*. Este anel é uma obra franceza; a traducção do nome da flôr estraga-lhe os intuitos. O conjunto, porém, é tão perfeito, que tanto se pôde chamar *Pensée* como *Meditação* ou *O pensamento*.

João da Silva resente-se ainda um pouco da influencia das escolas em que estudou. O proprio artista o affirma, justificando essa influencia o pouco tempo decorrido desde que trabalha independentemente. Procura entretanto, fugir cada vez mais a essas influencias, creando uma *maneira* absolutamente sua. Isso ser-lhe-ha facil, dado que possui como poucos uma grande tenacidade de esforço aliada a um talento completo e multiforme.

Assevera-nos o artista que espera crear na joalheria *alguma coisa* que, sendo indiscutivelmente sua, seja profundamente portugueza.

Não temos duvida em acreditar-o, conhecendo-lhe bem as suas formidaveis aptidões, irmas gemeas da sua atrahente honestidade de processos.

E assim esperamos que em breve a joia occupe em Portugal o lugar de *obra d'arte* que lhe pertence e que já em outros países reconquistou.

A joia tem direito, isem du-



Pendente: ouro cinzelado; aguia



Traducção do quadro de Beguereaud (les nouveaux né) prata repoussé

vida, a ser considerada um objecto d'arte como o é um quadro ou uma escultura; e mais não é do que um resumo de muitas artes, consoladoramente portátil para o deleite dos nossos olhos.

FRANCISCO DA SILVA-PASSOS.

to á materia prima de que nas diferentes epochas, é fabricada, como na maneira mais ou menos artistica porque é trabalhada. E quantas coisas lindas, admiraveis de delicadeza e elegancia, não tem produzido o homem com o ouro e as pedras preciosas! As joias egypticas, gregas, etruscas, bysantinas, são, como todos sabem, pequenas maravilhas de arte.



João da Silva; Medalhas em cobre (repostas)

Nota da redacção.—Os leitores da *Illustração Portuguesa* lerão decerto com interesse o artigo do nosso collaborador, que precede, não só pelo curioso assumpto de arte que elle versa, como pela revelação de um artista embevecido no nobre intuito de transformar a nossa joalheria, geralmente tão uniforme e banal no seu lavor tradicional, sem o mais simples prurido de libertação dos moldes grosseiros e exhaustos.

Pôde dizer-se que nenhuma outra forma de arte e manifestação de luxo revelou melhor o requinte attingido pela civilização de qualquer povo, do que as suas joias. Desde as sepulturas prehistoricas, em que se encontram conchas, pedras perfuradas e contas de callaite, com que o nosso longinquo antepassado se adornava, é curiosissimo seguir a evolução da joia parallelamente com a historia do desenvolvimento humano, tanto no que diz respeito

as pedras preciosas, gregas, etruscas, bysantinas, são, como todos sabem, pequenas maravilhas de arte.

Os proprios orientaes, que amam apaixonadamente os collares, os aneis, os brincos, dão a esses objectos as formas mais originaes, embora nem sempre inspiradas pelo bom gosto.

Ha tempo já que a arte essencialmente de luxo da joia se industrialisou, porém, como tem succedido a todas as outras artes, introduzindo-se, mesmo, os meios mechanicos na sua fabricação. N'estas condições, a reprodução constante dos mesmos modelos provocou entre os artistas modernos, uma natural reacção, a que o artigo do nosso illustre collaborador se refere com elevada proficiencia. A joia artistica renasce, pois, e ainda bem que, no nosso paiz, encontra tambem um cultor cheio de fé e de talento.



Fivella em prata cinzelada propriedade do Museu das Artes Decorativas de Genebra (Cliché de BENOILIREL).



MORET EM LISBOA. — Passou uma semana em Lisboa o illustre chefe liberal hespanhol D. Segismundo Moret, que é uma das figuras preponderantes na politica do paiz visinho e um dos seus estadistas mais prestigiosos.

O sr. Moret, que conta presentemente 71 annos, é deputado desde 1863 e foi pela primeira vez ministro em 1869, tendo depois, por diversas occasiões, occupado as pastas das colonias, das finanças, do interior e dos estrangeiros, e exercido duas vezes a presidencia do conselho. A sua folha de serviços é, pois, como vê bastante larga e valiosa.

O illustre homem publico é actualmente o chefe da fracção mais avançada do partido liberal de Hespanha, a qual se separou de Montero Rios, pouco depois d'este substituir Sagasta.

(Clichés de RENOLIRE).

